



## EDITORIAL

### 1 DE DEZEMBRO: DIA MUNDIAL DE LUTA CONTRA A AIDS.

Florianópolis tem uma das maiores taxas de detecção de Aids do Brasil. Os desafios ligados ao manejo dos casos, ao entendimento dos fatores associados à exposição ao risco e à necessidade de intervenções eficazes de prevenção são grandes.

Por outro lado, nosso potencial é enorme. Temos uma das melhores redes de Atenção Primária do país, um serviço de média complexidade integrado e comprometido, um sistema de vigilância sensibilizado e potenciais parceiros importantes fora do sistema de saúde. Este boletim traz, com apoio da DMAC, do DAPS e com o excelente trabalho realizado pelas **Unidades Dispensadoras de Medicamentos (UDMs)**, informações para colaborar com as reflexões sobre o necessário e urgente aprimoramento na atenção à Aids em Florianópolis.

GVE

*Autores: Adriana Borges, Ana Cristina Vidor, Cláudia F. Branco, Emília R. S. Mettrau, Fernanda de Conto, Jimena A. G. Sühnel, Luciana de S. C. Calegari, Luciana Torquato, Margareth de A. Mello, Marília Jeske, Marcos J. Machado, Pamela de Carvalho, Regiane G. Wachholz, Roger da R. Muller, Salete M. de Azevedo, Ronaldo Zonta, Vera Lucia Soares Gonçalves.*

## 1 DE DEZEMBRO, DIA MUNDIAL DE LUTA CONTRA A AIDS.

### A EPIDEMIA DE HIV/AIDS E AS ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

A busca pela excelência no atendimento às pessoas com HIV/AIDS está em constante desenvolvimento, trazendo novas perspectivas com relação ao diagnóstico e tratamento. Um exemplo foi a recente ampliação da cobertura antirretroviral a todos os portadores do HIV, independente da contagem de CD4. Dentro deste enfoque e visando extinguir a epidemia HIV/AIDS até o ano de 2020, foi lançada a meta mundial 90/90/90, pelas Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS).

Esta meta determina uma cascata de cuidados e almeja alcançar **90% dos portadores do vírus HIV diagnosticados, 90% destes em tratamento e 90% dos indivíduos tratados apresentarem supressão viral** (carga viral menor que 1000 cópias), reduzindo drasticamente a transmissão do vírus.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) tem fortemente recomendado abordagem descentralizada do tratamento contando com equipe multiprofissional capacitada e atualizada nas recentes diretrizes para diagnóstico e tratamento para assegurar que os sujeitos recebam o tratamento e acompanhamento mais eficaz.

### O modelo de atenção à Pessoa Vivendo com HIV/AIDS (PVHA) no Brasil

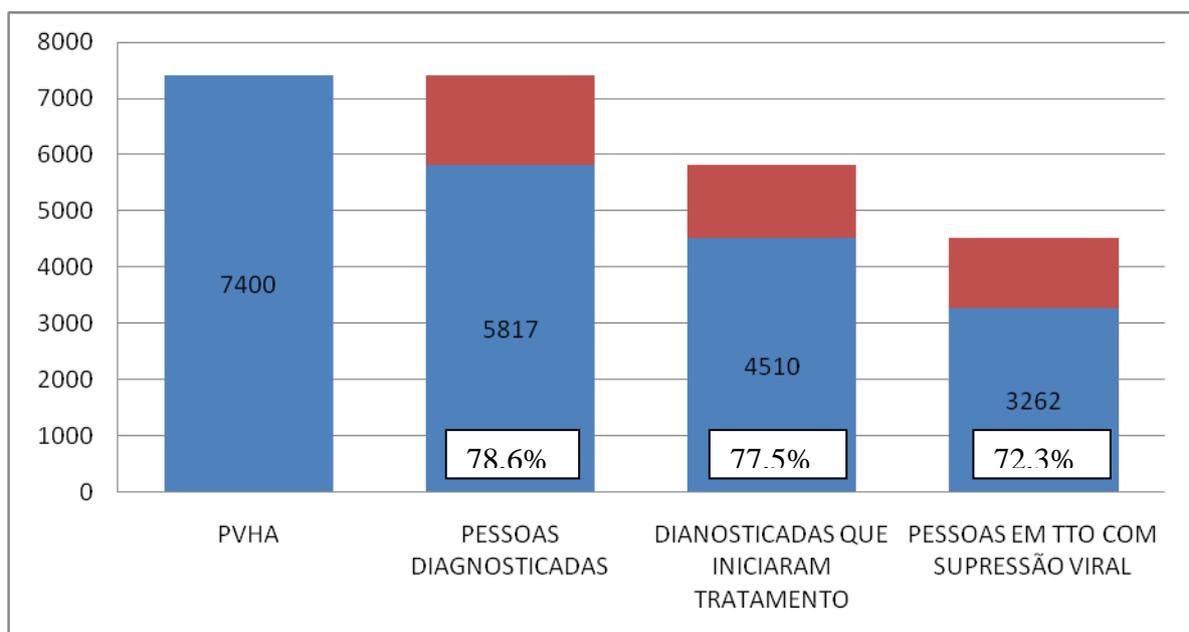
Nos últimos anos, o SUS tem observado um aumento da prevalência de HIV e vem incorporando novas opções de testagem, diagnóstico e tratamento, atualizando diretrizes clínicas para indicação e início da TARV. Com essas inovações, observa-se cada vez mais a existência de PVHA com o HIV controlado e estável, em uso de esquemas simplificados de tratamento. Hoje o cuidado da PVHA é cada vez mais semelhante ao cuidado do paciente com uma condição crônica cujos desfechos se relacionam diretamente com a qualidade da atenção.

Na perspectiva das metas de tratamento 90-90-90 e do amadurecimento de estratégias de abordagem descentralizadas de tratamento, novos modelos de cuidado à PVHA representam um avanço e traduzem-se em **modelos de apoio matricial dinâmicos, em que diferentes pontos de atenção participam da linha de cuidado ao HIV/AIDS, formando uma rede integrada e articulada.** Os serviços especializados continuam sendo fundamentais. Contudo, o desenho da linha de cuidado passa a contar com novos serviços, tendo a Atenção Primária a Saúde (APS) como porta de entrada e co-gestora do cuidado. Nesse sentido, criam-se estratégias de suporte como a teleconsultoria e matriciamento para os profissionais das equipes da APS, promovendo um atendimento compartilhado e garantindo maior acesso das PVHA ao tratamento com qualidade.

## A REDE DE CUIDADO ÀS PVHA EM FLORIANÓPOLIS

Considerando as diferentes bases de dados, a prevalência esperada para Florianópolis é de aproximadamente 7400 PVHA (1,2 % da população). Considerando o cruzamento das bases de dados correspondentes, foram identificadas, em 2015, 5.817 pessoas vivendo com HIV/Aids no município, ou seja: **mais de 1.500 pessoas com HIV/Aids em Florianópolis provavelmente ainda não sabem seu diagnóstico.**

**Gráfico 1: Cascata 90 90 90 em Florianópolis.**



Fonte: GVE Florianópolis, 2016.

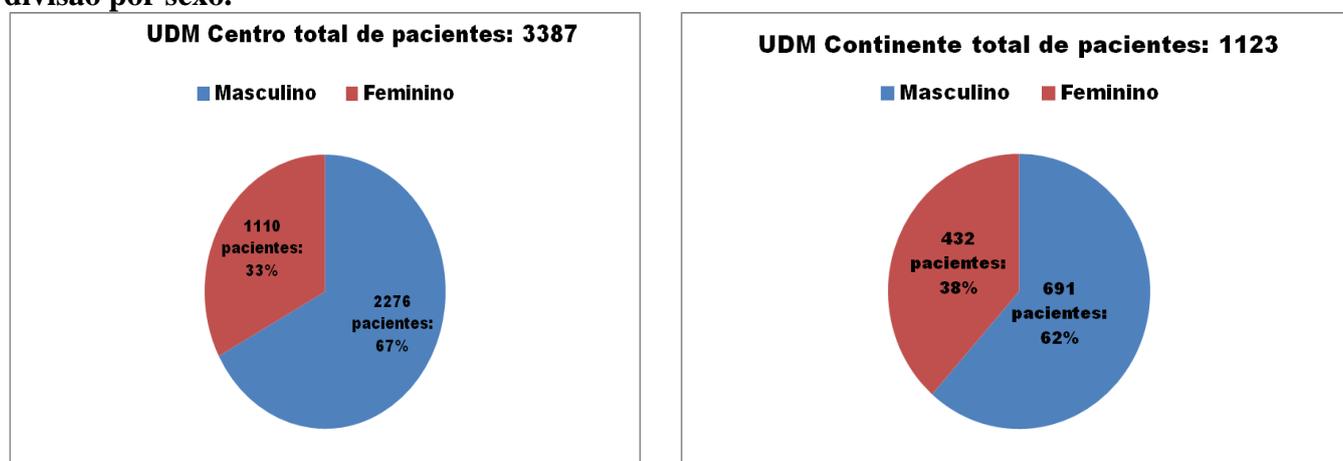
Em que pese a necessidade de refinamento na padronização do cálculo das metas, o Gráfico 1 demonstra os pontos necessários de aperfeiçoamento dos cuidados com as PVHA para que Florianópolis atinja as metas 90 90 90 até 2020.

Para diminuir o sub-diagnóstico de HIV no município e ampliar o acesso ao tratamento, uma série de ações vêm sendo desenvolvidas nos últimos anos. No que tange ao acesso ao diagnóstico, os Centros de Saúde oferecem a coleta para teste rápido e a sorologia clássica para o HIV. O Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) localizado na Policlínica do Centro oferece acesso a populações com dificuldade de vínculo aos centros de saúde ou que desejam realizar o teste anonimamente. A rede ainda conta com 5 postos de coleta de sorologias e exames específicos de acompanhamento no Continente (sede do LAMUF), nas Policlínicas Municipais do Norte e Sul e no CS Saco Grande. Complementarmente, um projeto em colaboração com o Gapa-Florianópolis visa aumentar o diagnóstico da população entre 14 e 25 anos, considerando o aumento da incidência da infecção e baixa frequência de utilização de serviços de saúde nesta faixa etária.

As consultas ambulatoriais em infectologia são ofertadas nas Policlínicas Municipais pelos médicos infectologistas. O agendamento é através do Sistema Nacional de Regulação (SISREG) e o acesso é 100% regulado pelos médicos reguladores, que priorizam os casos conforme a situação clínica. Há reuniões periódicas entre os infectologistas para discussão e revisão de protocolo de acesso bem como pactuações com setores internos e externos da Secretaria Municipal de Saúde, especialmente hospitais de referência, no sentido da ampliação e fortalecimento da rede de cuidados.

A dispensação de terapia antirretroviral (TARV) ocorre nas unidades dispensadoras de medicamentos (UDM) localizadas nas Policlínicas Municipais do Centro e Continente, as quais contam com equipe técnica capacitada e atendem a população de todo o município. A estratégia de dispensação de TARV para dois (2) meses de tratamento tem causado melhora substancial na adesão do paciente, facilitando inclusive para os pacientes que residem longe.

**Figura 1: Total de pessoas cadastradas nas UDM Centro e Continente, de 1997 a 2016: divisão por sexo.**

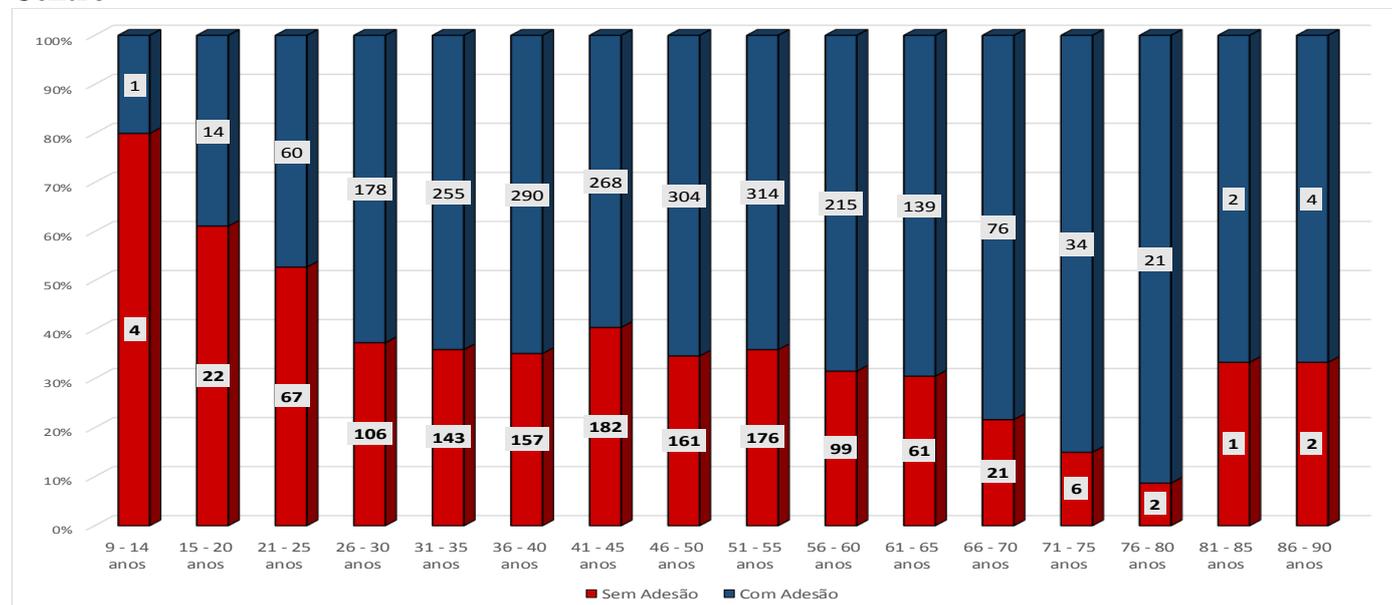


FONTE SICLOM-MS, 2016.

Em ambas as UDM a predominância da população masculina corresponde ao comportamento esperado da doença, que ainda afeta mais frequentemente os homens.

A adesão ao tratamento é um dos maiores desafios no cuidado da PVHA. A avaliação da UDM Centro identifica que este problema é ainda maior na população mais jovem (Gráfico 2), chamando a atenção para a necessidade de adoção de estratégias específicas para esta população.

**Gráfico 2: Distribuição das PVHA em TARV por faixas etárias e adesão ao tratamento – UDM Centro**



FONTE SICLOM-MS, 2016.

### **Desenhando um novo modelo de atenção às PVHA no SUS de Florianópolis: O Apoio Matricial da Infectologia.**

A Secretaria Municipal de Saúde de Florianópolis está implementando um modelo de atenção à saúde em que os profissionais da APS vêm assumindo gradativamente o manejo clínico das pessoas com HIV/AIDS. Este inclui desde o diagnóstico (incorporando habilidades de comunicação), a solicitação e acompanhando de parâmetros como carga viral (CV) e contagem de linfócitos t (CD4), bem como renovando e iniciando TARV, tudo isso garantindo ética e confidencialidade das informações.

A ampliação da capacidade de cuidado clínico oferecido pelos profissionais da rede de saúde do município para as PVHA se torna uma necessidade estratégica para enfrentamento e controle do HIV/AIDS.

O apoio matricial da infectologia visa criar canal de comunicação direto das equipes de Saúde da Família com os especialistas infectologistas para manejo e suporte das pessoas com HIV/AIDS em acompanhamento na APS. Esse projeto vem sendo coletivamente construído e tem sido consolidado com base nos seguintes objetivos:

1. qualificar o acesso dos usuários encaminhados à infectologia e ampliar a resolutividade da APS, visando um melhor atendimento na rede pública de Florianópolis;
2. descentralizar o tratamento medicamentoso e acompanhamento da PVHA para a APS qualificando e habilitando profissionais médicos das equipes da APS para a prescrição e monitoramento da TARV através do matriciamento com os médicos infectologistas;

3. melhorar a articulação entre os profissionais da atenção básica e os especialistas, sendo via de mão dupla que permite o compartilhamento do cuidado a partir das demandas levantadas tanto pelos profissionais da APS quanto da média complexidade para a discussão de caso;
4. reorganização do trabalho dos especialistas nas policlínicas e maior interação com as equipes de saúde da família e centros de saúde;
5. atingir a meta 90-90-90 para o município de Florianópolis em 2020;
6. gestão participativa para qualificação da fila de espera, desenvolvendo ações para educação permanente da rede.

O projeto de apoio matricial iniciou em 2015 com a criação das reuniões periódicas dos médicos infectologistas e, a partir disso, desenvolveram-se uma série de ações tais como: análise quantitativa e qualitativa da fila de espera da infectologia no SISREG; elaboração do Protocolo de Acesso à Infectologia e dos critérios de alta ambulatorial de PVHA; reuniões com a APS para alinhamentos com o PACK Brasil e atualização do cadastro de todos os profissionais médicos e enfermeiros da APS do município no Sistema de Acesso aos Exames de CV e CD4 (SISCEL).

A implantação do apoio matricial da infectologia iniciou em setembro do corrente ano a partir do treinamento dos médicos de família participantes no Protocolo de Acesso. Nesse primeiro momento, o apoio matricial ocorre com 50% dos médicos da rede, com livre adesão à proposta, e tem ofertado além no manejo de HIV/AIDS, a Profilaxia pós Exposição Sexual (PEP) na APS de Florianópolis. Para maiores informações sobre esse projeto, procure seu Centro de Saúde.

#### **Desafios Chave da Rede de Atenção às PVHA em Florianópolis:**

- 1- Diminuir o sub-diagnóstico do HIV-Aids, especialmente nas populações mais vulneráveis e usuárias menos frequentes do sistema de saúde (jovens, HSH, profissionais do sexo, população LGBT).
- 2- Facilitar o acesso ao início do tratamento a todas as pessoas diagnosticadas.
- 3- Desenvolver estratégias que favoreçam a adesão ao tratamento e diminuam o abandono.



**Secretaria  
Municipal  
de Saúde**



Av. Prof. Henrique da Silva Fontes, 6100  
Florianópolis, SC - CEP 88036-700  
Plantão 24h: (48) 3212-3907 Cel (48) 9985-2710  
Tel: (48) 3212-3910 Fax: (48) 3212-3906  
Email: [vigilanciaepidemiologica@pmf.sc.gov.br](mailto:vigilanciaepidemiologica@pmf.sc.gov.br)